

## **Espaço-patrimônio e dinâmica de atores na Rua do Lavradio (Centro Histórico do Rio de Janeiro).**

### **A produção sócio-política do “Novo Rio Antigo”**

*Nicolas Bautès<sup>1</sup>*

Na dupla perspectiva de contribuir para a reflexão sobre os laços entre economia cultural, políticas públicas e transformações urbanas (Kong, 2000) e de analisar as dinâmicas produzidas pela atividade comercial e patrimonial em sua complexidade no contexto urbano, este trabalho propõe uma leitura das ações e das relações entre os atores que se organizam ao redor da valorização e da requalificação de um local no Centro histórico do Rio de Janeiro.

O projeto de requalificação urbana da Rua do Lavradio pretende transformar tanto a forma quanto o conteúdo material, econômico e simbólico deste espaço da cidade. Trata-se de uma mudança arquitetônica e econômica cujas consequências podem ser observadas através dos atores presentes no local, sejam moradores, trabalhadores ou turistas. Da observação das transformações em curso na Rua do Lavradio e adjacências, que fazem parte de um processo de (re)estruturação material e imaterial do urbano, tentamos destacar o papel do indivíduo-ator: como ele, seja morador, comerciante instalado, ambulante ou visitante, vive esta rua, sua atividade diurna e noturna e suas mudanças ? De que maneira cada um deles, agente de seu próprio destino, mobiliza recursos cognitivos, relacionais ou/e econômicos para enfrentar diversas situações (Bourdin, 2005) que mudam o seu papel na micro-sociedade deste espaço, sua capacidade de implementar ações cotidianas, e/ou até a legitimidade da sua presença no local ? Quais são os recursos que ele possui ? Com quais objetivos pessoais/coletivos ele tenta construir novas solidariedades em um contexto onde tanto a competição e a pressão política quanto as possibilidades de colaboração tornam complexas suas situações cotidianas?

Esta contribuição apresenta os resultados preliminares de um projeto de pesquisa que pretende analisar as lógicas que prevalecem na definição e na implementação dos projetos de requalificação urbana na cidade do Rio de Janeiro. O presente estudo propõe um primeiro olhar sobre um eixo da valorização urbana, focalizando os laços entre o território urbano - sua materialidade e o conjunto de imagens que o definem – e os indivíduos e grupos que percebem as singularidades territoriais e os possíveis recursos que elas podem permitir. A postura escolhida na pesquisa de campo tem como objetivo a análise dos papéis que se constroem ao redor da ação urbana na Rua do Lavradio. Para isso, necessita-se de uma identificação dos atores em jogo, uma observação fina das inter relações que os caracterizam para tentar resgatar, a partir de breves elementos da vida quotidiana deste espaço, as estratégias que se redefinem de maneira permanente ao redor da dinâmica econômica, social e urbana da rua.

A hipótese principal é que, apesar de várias medidas públicas e, sobretudo, de um plano de conservação do patrimônio arquitetônico nessa parte da cidade, são os atores,

---

<sup>1</sup> Doutor em geografia, Laboratório FACL, ESS/UFRJ – UMR CNRS 5603

representantes dos agentes econômicos locais, que estruturam e controlam a revitalização deste espaço, ao nível individual ou, mais frequentemente, a partir de organizações. São também estes atores - precisamente os empresários da rua - que se tornam também os agentes políticos do local, exercendo pressão sobre o poder público pela requalificação do lugar e a criação de um “distrito cultural” especializado em atividades culturais, de lazer e de gastronomia (Scott, 2000). Portanto, a dinâmica de atores encontra-se caracterizada por vários paradoxos, relacionados à hierarquia e aos conflitos que emergem das mudanças e ao efeito da especialização territorial do lugar, gerando um processo de gentrificação e, conseqüentemente, selecionando usos e atores da rua.

Este processo ativo encontra todos os paradoxos associados aos projetos urbanos desse tipo, gerando novas lógicas sociais dentro de um jogo desigual. Assim, no presente trabalho, realiza-se um esforço reflexivo para analisar a dinâmica de um processo de revitalização desenvolvido em uma escala intra-urbana, dentro de um novo território em produção : o “Novo Rio Antigo”, que se agrega ao espaço mais amplo formado pelo Centro histórico do Rio de Janeiro.

### **Um espaço transitório e central: a Rua do Lavradio entre a boemia carioca da Lapa e o “Monumental” Tiradentes**

A Rua do Lavradio é parte do Centro histórico do Rio de Janeiro. Por sua forma e a sua localização, ela aparece também como uma ligação entre a Lapa e a Praça Tiradentes, dois locais centrais do ponto de vista do patrimônio cultural da cidade, incluídos no perímetro do programa *Corredor Cultural* desenvolvido a partir de 1980 pela Prefeitura do Rio.

A Lapa é um bairro marcado por mitos e fantasias, apresentado tanto pelos moradores quanto pelos atores públicos como um espaço central da sociabilidade boêmia, que foi “habitado por personagens revestidos de exotismo e decadência, e que até hoje é representativo do palco da diversão (...) que tem para si, ao mesmo tempo, a cidade do Rio de Janeiro como a materialização tropical da *Belle Époque*, a imagem da “*Montmartre carioca*” (Lustosa, 2001) e a concentração de todos os tráficos, sejam sexuais ou ligados às drogas. A valorização desta imagem controversa do local permitiu o desenvolvimento de uma economia essencialmente noturna baseada na cultura do samba e da boemia. Verifica-se na Lapa, desde os anos noventa, a produção de um patrimônio urbano específico, constituído de realidades e imagens da malandragem, da prostituição e, mais comumente, da decadência urbana e social. Esta simbologia, estruturada por vários lugares de animação e de criatividade da noite carioca, dá força a vários lugares próximos, a partir da extensão da dinâmica da economia cultural do bairro em direção às ruas adjacentes. Apesar de ser em parte incluída no bairro da Lapa - especificamente nos cruzamentos com a Avenida Mem de Sá e a Rua Riachuelo - a Rua do Lavradio é, desde o século XIX, o *oposto* da Lapa, representando um local da elite carioca por sua vida artística, social e política: “a Rua do Lavradio tem uma importância cultural e arquitetônica. Aberta em 1771, ela é uma das primeiras ruas residenciais da cidade, moradia e local de encontro de poetas, escritores, tipógrafos políticos, artistas que fizeram a história do Rio de Janeiro”. Marquês de Cantagalo (1829) e o Conde de Caxias (1852) contam entre as personalidades que foram atraídas ao local pelo dinamismo da sua atividade e pela proximidade da Praça Tiradentes, local também importante para a elite cultural local tanto no século passado quanto hoje em dia. Atualmente a Praça passa por um programa de conservação e de valorização do seu patrimônio histórico chamado “Monumental”

(IPHAN/BID/Prefeitura)<sup>2</sup>. Por sua localização, por ser incluída no perímetro e no interesse geral de revitalização do Centro e pela proximidade das maiores atividades econômicas e institucionais da cidade (vizinhança da Petrobrás<sup>3</sup> e, recentemente, instalação do Poder Judiciário (2003) e da Telemar<sup>4</sup> (2003), a Rua do Lavradio se torna hoje em dia um local estratégico para vários atores cujos objetivos combinam intenção econômica e valorização identitária/cultural. Entretanto, como nas outras cidades latino-americanas, a decadência do Centro e a longa inércia do poder público ao redor destes lugares históricos contribuíram para obstruir as iniciativas atuais de revitalização: inadaptação das infra-estruturas aos usos da população em termos de transporte e de moradia, degradação imobiliária, apropriação da área por atividades informais e por moradores de baixa renda. A situação atual na área é o resultado do período 1950-1990 que acabou por produzir, em torno de uma rua culturalmente singular, um espaço caracterizado por sua diversidade de usos e de atores, onde as maiores empresas da cidade se justapõem a moradores e ocupantes geralmente pobres, confrontados com dificuldades habitacionais e econômicas. Isto tudo acaba por complexificar a dinâmica de transformação urbana.

### **Características do espaço em foco: a Rua do Lavradio e o movimento urbano do Centro carioca**

A Rua do Lavradio, cuja vida comercial é associada à presença de vários antiquários no local desde os anos cinquenta e, no passado, a eventos teatrais e óperas, conhece, a partir dos anos cinquenta, um declínio, em parte decorrente de um movimento geral de diminuição da população moradora do Centro do Rio de Janeiro<sup>5</sup> que se seguiu à demolição de grande parte do acervo arquitetônico do passado e à verticalização do Centro financeiro. Entre este período, analisado em detalhes por vários autores como, por exemplo, Magalhães (2002), Rabha (1985, 2002), Pinheiro (2002) ou Moreira (2005) e o período atual marcado pelo processo de requalificação, a Rua do Lavradio segue a evolução dos outros bairros do Centro histórico, enfrentando também as consequências sociais da crise econômica da década de 1980 “que gerou um enorme contingente de desempregados e dificultou o acesso de jovens ao emprego, os quais passaram a buscar ocupações no mercado informal, especialmente no comércio ambulante” (Magalhães,

---

<sup>2</sup> A Praça Tiradentes e alguns quarteirões à sua volta são o foco de uma parceria que congrega a Prefeitura do Rio, o Governo Federal e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, dentro do Programa Monumenta, através do Departamento Geral de Patrimônio Cultural da Secretaria das Culturas. A área é integrada por trechos da Zona do Corredor Cultural e da Área de Proteção de Ambiente Cultural da Cruz Vermelha, denominado Área de Influência e foi delimitada a Área de Investimento, com 9,3ha. Pesou na escolha do local a densidade histórica do tecido urbano caracterizado pelo arruamento tradicional e casario secular; a presença de bens tombados pelo IPHAN, tais como: igreja do Santíssimo Sacramento, casas da Rua Gonçalves Ledo; outros tombados pelo Estado: grupo escultório D. Pedro I, bens tombados pelo município como o teatro Carlos Gomes... Durante os trabalhos foram incluídos na lista de bens sob tutela federal o grupo escultório a D. Pedro I e o Solar do Visconde do Rio Seco. Nas doze quadras atingidas pela área de investimento existem mais de 100 imóveis de interesse de preservação, ocupando um eixo que termina na Praça da República.

<sup>3</sup> PETROBRÁS-Petroleo Brasileiro (empresa nacional)

<sup>4</sup> TELEMAR- Empresa nacional de telecomunicações

<sup>5</sup> A perda de população residente também intensificou-se, chegando a ser proibida. O fim da condição de capital do país, em 1960, contribuiu enormemente para a diminuição de poder econômico da cidade, atingindo o Centro, onde grande parte da burocracia federal estava localizada. Para uma análise mais completa deste processo, cf. Magalhães, 2002.

2002), em um contexto de relaxamento da fiscalização sobre esta atividade. Se bem que, como descreve Magalhães (*Ibid.*):

“Em 1994, seu momento de maior expansão, o comércio ambulante foi encontrado ocupando as principais vias e corredores de comércio do Centro, com o visível aumento de suas barracas, a destruição ou o bloqueio de equipamentos urbanos (...) e a concentração de várias pessoas por barraca. A concorrência representada pelos ambulantes gerou reações inadequadas por parte do comércio legalmente estabelecido. Além do comércio informal, vários espaços da cidade enfrentaram o aumento de moradores de ruas, realizando pequenos serviços como a guarda de automóveis ou o recolhimento de materiais recicláveis, fenômeno forte no centro do Rio de Janeiro”.

Como a maior parte do Centro do Rio, a rua do Lavradio enfrenta a precarização do espaço central da cidade com resistência. Conseqüentemente, os casarões históricos, materialidade do patrimônio, foram sendo ocupados como casas de cômodos ou abandonados.

### **O processo de revitalização da área e a invenção do “Novo Rio Antigo”**

“E quando a “gentrificação” no sentido clássico de expulsão de populações de baixa renda ocorreu (...), ao menos houve a contrapartida de revitalização física de partes da cidade que estavam em lento processo de morte por abandono.” (Harvey, 2000).

A partir dos anos noventa, mais particularmente no fim desta década, as mudanças criadas por intervenções urbanas de caráter programático e especialmente pelo tombamento e a renovação de prédios antigos<sup>6</sup> (Projeto *Corredor Cultural*), pela abertura de novos comércios e pela instalação de novos edifícios institucionais começaram a transformar a rua. O programa de revitalização da Rua do Lavradio implementado pelo poder público tem como objetivo principal a preservação do patrimônio material existente e sua renovação, através das medidas institucionais estruturadas em torno da conservação imobiliária. A idéia central, iniciada por meio de uma parceria entre a Associação dos Comerciantes do Rio Antigo (ACCRA, criada em 1992) e a Sub-Prefeitura do Rio de Janeiro, é de afirmar a dimensão cultural da rua, resgatar a sua história. Esta iniciativa aparece como uma etapa na integração entre os bairros que constituem o espaço-patrimônio, incluindo especificamente a Cinêlandia, a Lapa e a Praça Tiradentes, hoje reconhecido pelo poder público como o “Novo Rio Antigo” e obedecendo a proposta da ACCRA.

Além da presença dos antiquários, a abertura em 1996 da Feira de Antigüidade permitiu e dinamizou a renovação de alguns bares e lanchonetes existentes, dentro do programa *Corredor Cultural*, e contribuiu para reestruturar tanto o conjunto de atores sociais quanto a dinâmica econômica do lugar. Comerciantes estabelecidos, expositores da feira, camelôs, vários tipos de agentes econômicos, sociais e/ou políticos compõem, em diversos momentos ou simultaneamente, a vida deste espaço. Em conseqüência, a transformação do lugar, seja arquitetônica, cultural ou econômica, conduz à confrontação de vários interesses e produz novos tipos de pressões, conflitos e colaborações. Portanto, os objetivos

---

<sup>6</sup> O perímetro “Corredor Cultural” contém 15 000 prédios tombados e 30 000 listados no Patrimônio Cultural Histórico da cidade.

da política pública e dos programas de ação preservacionista, apesar de envolverem várias instituições e de refletirem “o predomínio de uma visão estético-funcional ligada a padrões das classes mais altas, têm que integrar compromissos com formas de apropriação espacial mais populares e adaptações provenientes da realidade social brasileira e da precariedade infra-estrutural da cidade” (Magalhaes, *Ibid.*). A especificidade deste processo de requalificação é de ser implementado em um contexto onde cada ator procura administrar as suas próprias situações e os seus conflitos de acordo com a sua capacidade “de angariar apoios políticos” (*Ibid.*), de se apoiar e se organizar entre eles, quer dizer, em uma tensão entre atores lutando por uma presença na rua e pelo reconhecimento de um certo uso do espaço. Estes atores são os que se apropriaram daquele espaço durante várias décadas : camelôs, moradores de rua, proprietários de prédios antigos voltando a se interessar por este local, os comerciantes que ficaram e os que podem ser chamados de “empresários culturais”.

O sistema definido por todos estes atores - na relação entre eles, o espaço e o poder público - caracteriza a evolução da rua. A produção deste sistema de atores, junto com as suas repercussões sobre o espaço urbano, tem que ser estudada mais detalhadamente, tentando resgatar as pressões e os conflitos que lhes são característicos. A partir dos resultados dessa pesquisa de campo preliminar, podemos analisar os processos socio-políticos de produção do espaço urbano carioca.

### **O sistema conflitual da produção espaço-patrimônio da Rua do Lavradio**

Além das normas e dos objetivos preservacionistas definidos pela Prefeitura acerca do *Corredor Cultural*, o primeiro esforço em torno da reestruturação da Rua do Lavradio é verdadeiramente iniciado no fim dos anos oitenta com a criação da ACCRA (Associação de Comerciantes do Centro do Rio Antigo). Os pioneiros desta associação tentaram abrir casas de *show* noturnas, mas a iniciativa não teve o sucesso esperado. A fundação desta estrutura se apresenta como uma necessidade para pressionar e obter visibilidade frente ao poder público. Trata-se de uma estratégia de desenvolvimento de uma economia cultural que poderia trazer novos usuários e novas fontes de renda para um lugar “esquecido” pela sociedade urbana da zona sul, ao mesmo tempo em que se insere na lógica conservadora definida ao nível nacional, onde a cidade não só deve ser considerada como um objeto estético, mas deve ser vista, interpretada e tratada “além de sua inegável importância histórica como parte indissociável e interativa de uma rede social, econômica e cultural rica, complexa e dinâmica” (Pinheiro, 2002)<sup>7</sup>.

Parte de um processo iniciado em nível federal nos anos setenta (IPHAN/PróMemória) e, no caso do Centro do Rio de Janeiro, afirmado nas décadas seguintes com a definição de Áreas de Proteção Ambiental e Cultural (APAC) e do Corredor Cultural, observa-se na área, ao final dos anos noventa e o início de 2000, algumas importantes obras de reabilitação de lugares culturais como o Circo Voador, a Fundação Progresso, e a abertura da casa de *show* Carioca da Gema e do Centro Cultural Carioca que, entre outros, vêm mudar o perfil geral da noite do Centro.

Neste contexto de transformação, a ACCRA é, desde o início, um ator de peso, dirigindo o processo de dinamização do espaço central do Rio com o suporte do Sebrae<sup>8</sup> e da Subprefeitura do Centro, criada após uma demanda dos novos empresários da noite. Hoje em dia, a associação reúne aproximadamente 70 estabelecimentos (proprietários de restaurantes, bares, teatros, espaços culturais, de espetáculos e antiquários). Na rapidez do

<sup>7</sup> Augusto Ivan de Pinheiro foi Sub-Prefeito do Centro entre 1993 e 2000.

<sup>8</sup> Sebrae.

processo produzido pelos empresários culturais existe uma situação de conflito, pois alguns deles começam a exprimir uma vontade de “harmonizar” a vida e a atmosfera de uma rua caracterizada, como o resto do espaço urbano carioca, pela coexistência de vários usos, de atmosferas e de grupos sociais diferentes. O discurso que dá suporte as ações destes comerciantes insere-se nos objetivos da política patrimonial da cidade contida no *Corredor Cultural* apresentando-se com toques de romantismo, sensibilidade e intelectualismo :

“Uma visão de cidade mais simbólica, evocativa, imemorial e poética, como em Calvino; um espaço feito de pedra, carne e alma, para citar Richard Sennett; um território sujeito a interpretações complexas, heterogêneo, construído a partir de superposições de épocas, com edificações de formas e idades diversificadas, enriquecido pela mistura de usos, como na visão de Jane Jacobs; uma paisagem feita de nós, marcos, referências, percursos e espaços de vida, como em Kevin Lynch; um lugar pleno de atmosfera como gostaria Mário de Andrade, ou repleto de sons, cheiros, significados e percursos insólitos, como percebido por Rachel Jardim, ou onde o único que permaneceu eterno foi a mesma brisa como na Delos de Byron; uma metrópole mutante mas com sua memória e sua identidade mais profundas preservadas, muito além das paredes, dos telhados, das janelas, das ruas, uma cidade ao mesmo tempo respeitada em suas histórias e histórias, mas viva e em permanente movimento, como queriam os idealizadores e colaboradores do projeto Corredor Cultural” (Pinheiro, 2002).

Portanto, a pretendida harmonização desta parte da cidade através da valorização cultural esconde, segundo vários atores, estratégias de apropriação deste espaço na sua globalidade - quer dizer, materialmente e simbolicamente - através de investimentos culturais. Além disso, em lugares onde a moradia é dominada por pessoal de baixa renda, as vendas de prédios e o preço de aluguel crescem significativamente por conta da estetização e da valorização patrimonial. Este processo segue com a abertura, em 1996, da Feira dos Antiquários (iniciativa da ACCRA), cujo objetivo era consolidar e reforçar uma economia até então temporária (realizada apenas no período noturno) a partir do crescimento da visibilidade cultural do espaço.

A relativa crise que enfrenta a ACCRA após a saída de seu fundador em 2001 e a criação da Sociedade dos Amigos da Rua do Senado e Adjacências (SARSA) pode ser identificada como um sinal da força do processo de mudança e do crescimento de tensões associadas com o futuro da rua. Os conflitos que caracterizam a requalificação da rua expressam visões diferentes do que é pensado sobre seus usos: os usos qualificados de “sujeitos” (estacionamento, comércio informal, reciclagem de lixo...) ou que aparecem para os empresários culturais como fora da identidade cultural do lugar (presença do Poder Judiciário e de empresas diversas - venda de material de construção e etc ) Estas atividades são pressionadas para ser removidas. A luta dos empresários culturais mais poderosos (associados à ACCRA) contra estas atividades se apresenta como particularmente vigorosa, se aproximando e cobrando dos órgãos institucionais competentes para reprimir, remover ou pelo menos atrapalhar tais atividades e seus serviços associados (táxis, intermediário e outros). Por outro lado, esses mesmos empresários, frequentemente antiquários e proprietários de casas noturnas, usam vários desses serviços, mobilizando o espaço público – a rua – com uma mão de obra barata, flexível e disponível para pequenas tarefas (transporte de mercadoria e etc...). Mais que um caso a parte, este exemplo é uma tendência forte e atual da vida sócio-econômica na Rua do Lavradio, onde a seleção de atividades e de usos pelos empresários culturais responde a uma lógica definida caso a caso, de maneira a servir a definição e o fortalecimento de um sistema explicitamente definido como um distrito cultural : o espaço-patrimônio do “Novo Rio Antigo”.

Trata-se, através da normatização do espaço público e das propriedades privadas, de uma seleção e de uma produção de um discurso sobre o lugar, sua história e o papel que ele tem na vida cultural da cidade. Uma das manifestações mais claras deste processo pode ser observada no caso do centro de reciclagem de lixo, que funciona no lugar desde os anos 1920 e constitui hoje a principal fonte de renda para mais de 1 200 pessoas, catadores de lixo<sup>9</sup>. Esta atividade, representativa de uma “singularidade” territorial (Bautès, 2004) vista como negativa, enfrenta uma pressão dos principais empresários culturais da rua para ser removido. As contradições entre o discurso oficial do poder público, valorizando uma cidade heterogênea, construída a partir das “edificações de formas e idades diversificadas, enriquecida pela mistura de usos (...)” - como é divulgado nos discursos prevalentes do Corredor Cultural - e a pressão permanente pela remoção de tudo que é definido como fora das normas previstas pelos “formadores de opinião”, a elite urbana, aparecem aqui claramente. Esta mesma concepção pode ser observada pela maior parte dos atores entrevistados, antiquários e empresários culturais. Por outro lado, alguns empresários parecem ter uma visão diferente e consideram o centro de reciclagem, os vendedores ambulantes e a população de baixa renda, que constituem o principal grupo de moradores deste espaço, como “*constitutivos da singularidade e da vitalidade do lugar*” (E.R, 43 anos, antiquário):

*“O centro de depósito de lixo, que é apresentado por uns como uma verruga na paisagem da rua, faz parte da história do Rio tanto quanto os prédios tombados pelo patrimônio histórico, muita gente vive dele, não basta tentar esconder ou tirar os pobres, nós também temos direito à cidade”* (R.L, 57 anos, desempregado)

Segundo 36 moradores que responderam num total de 43 entrevistados, esse tipo de atividade materializa uma prática sócio-espacial e econômica e uma diversidade que deve existir e manter-se visível, ou seja, o que parece para alguns fora do conjunto de elementos representando o patrimônio cultural da cidade é então parte integrante dele:

*“Este tipo de uso e de prática social fazem parte de nosso patrimônio, não só como um resgate do passado mas também como patrimônio atual, presente a nossos olhos... É a nossa identidade (...), ela que nos permite enfrentar o século XXI e suas exigências e dificuldades”* (N.S, antiquário).

Entre estas visões contraditórias que exprimem a maior parte dos empresários da rua entrevistados<sup>10</sup>, a dinâmica que procura controlar a memória e a materialidade do patrimônio da rua parece ameaçar a diversidade constitutiva do local. A estratégia dominante garante uma visão específica de como fazer para que a rua seja “*o orgulho da cultura carioca da gema*” (V.R, 52 anos, proprietário de casa de *show*) e se apresenta como um conjunto de projetos convergentes para uma concentração cultural específica que tende tanto a definir a norma do que é patrimônio histórico quanto a influenciar e constranger a política municipal em torno do patrimônio e da revitalização urbana do Centro.

O poder dos atores culturais se explica em parte por sua capacidade financeira, que se encontra visível nas obras de preservação de prédios. Por outra parte, o fato das ofertas culturais da rua serem principalmente direcionadas para a classe média da cidade reforça a influência destes empresários, que dão prioridade aos “*formadores de opinião*” (V.R., 52 anos, proprietário de casa noturna e antiquário). Consequentemente, no contexto político atual, o poder público encontra-se relativamente dependente do peso político concentrado nas mãos dos empresários culturais da rua do Lavradio, que se afirmam mais e mais como atores políticos e agentes que controlam o processo de revitalização urbana. Portanto, a

<sup>9</sup> Segundo o proprietário deste centro de reciclagem.

<sup>10</sup> 25 empresários da rua foram entrevistados. Somente 6 dentre eles, na rua mesmo ( ? ), concordaram com a ideia de que o patrimônio da rua se apresenta de uma maneira diversa.

proposta que aparece claramente hoje de criação de um “Pólo Cultural, Gastronômico e Histórico do Rio Antigo” (aprovado pelo Prefeito César Maia em outubro 2005) e de um “Centro de Documentação e Vivência do Samba” - cuja localização é prevista em uma parte da casa de *show* do Rio Scenarium - é questionada por outros atores. Eles, sejam empresários, moradores ou camelôs, tentam reverter a tendência atual que procura transformar a rua em um espaço monofuncional, enquanto lutam contra as decisões da parceria solidária entre os empresários culturais dominantes, o poder público e os atores que se referem como “a comunidade portuguesa”, que tem o monopólio dos bares e hotéis da rua. A primeira manifestação desta luta é materializada na criação da ASARS em 2002 pelo fundador da ACCRA. Esta instituição é apresentada como um conjunto de forças que tenta se organizar para defender o interesse da diversidade, se mobilizando quando for necessário. Nestes casos, ela tem a capacidade de agregar 50 comerciantes, moradores, usuários do centro de reciclagem e camelôs. As reivindicações são a maior parte do tempo pontuais, como a demanda por banheiros públicos, por melhoramento das calçadas ou a organização de festas populares na rua do Senado (Embaixadores da Folia) que fora vigorosamente proibida pela polícia sob pressão da parceria hoteleiros/donos de casa de *shows*, essencialmente por causa da perturbação da ordem pública, da falta de higiene e da poluição sonora. Trata-se então de um conflito desigual que tem uma materialização espacial.

A Rua do Lavradio se afirma como o centro da dinâmica de revitalização enquanto as ruas adjacentes tornam-se espaços periféricos, marginalizados em um processo transformador caracterizado por uma concentração de esforços e de objetivos em um único lugar, considerando a sua periferia como espaço de ameaça para o que é procurado : “a coerência da imagem e do futuro da rua” (V.R, *op. cit.*). Enquanto o desejo de estar no centro dos acontecimentos se torna mais e mais forte para vários atores urbanos, as ações em torno da revitalização aparecem fechadas, não só por conta da pressão fundiária e do aumento dos preços imobiliários e de consumo, mas no próprio processo participativo que elas seguem. A Prefeitura divulga um discurso e pretende implementar sua política urbana privilegiando a participação do cidadão, mas a realidade da prática urbanística municipal parece bem distante deste objetivo.

### **Breves cenas da vida de uma rua sob processo de revitalização**

A realidade atual da reestruturação deste espaço ocorre então entre “gentrificação” - “no sentido clássico de expulsão de populações de baixa renda” (Harvey, 2000) e de atores associados a usos sujos - e a produção de um espaço que aparece como monopolizado por certos empresários ; um espaço gerador de novas marginalizações, tanto do ponto de vista da ocupação e da participação de investidores e de moradores quanto de usuários, consumidores de eventos culturais inacessíveis aos segmentos mais pauperizados da população. Entre estas duas formas evolutivas que se alimentam entre si os atores se organizam, participando da dinâmica dominante ou a enfrentando com todos os recursos possíveis. Um breve panorama de algumas iniciativas individuais e coletivas permite clarificar as forças que se encontram ao redor da revitalização, onde a luta pela definição de uma alternativa que possa viabilizar e preservar a diversidade se torna um objetivo quotidiano para uma parte dos atores, e também, freqüentemente, onde os recursos são poucos para enfrentar uma dinâmica que aparece hoje determinante.

#### **Ednilson (63 anos), coletor de lixo, morador de rua**

« Cada vez que eu vou vender minha ‘mercadoria’ por assim dizer, ficou com medo, porque muitas vezes aconteceu que algumas pessoas me ameaçaram, me dizendo que aqui não é um lugar para este tipo de coisa. Eles jogaram o meu carrinho. Por sorte, o rapaz do centro de reciclagem estava lá e me



*ajudou. (...). Mas um dia, aquele centro ficou fechado. Eu fiquei aqui esperando, que não tenho outro lugar para ir sem o dinheiro que recebo das vendas ».*

#### **João (49 anos) antiquário da rua**

*« Eu participo da ACCRA. Não sou muito envolvido não, mas eles mesmos têm o poder de nos ajudar quando for necessário, e de nos atacar se você se afirma contra eles (...). Pessoalmente, eu trabalho mais com exportação, a presença de turistas não muda muito a minha atividade. Eles compram pouco aqui, temos mercadoria pesada que eles não podem transportar para fora. De todas estas mudanças que estão acontecendo na rua, algumas até são boas, a rua fica mais segura. Não tem mais assaltos como antes. Mas existe uma verdadeira pressão para a gente sair, nós que estamos aqui há 25 anos. Os donos acordaram e querem aumentar o preço do aluguel... um preço louco eles pedem! É demais isso todo. Daqui há dois anos, não vou ter recursos para segurar o meu local. Alguém aqui vai comprar a preço de ouro e fazer um restaurante ou uma casa de show».*

#### **Pedro (51 anos), camelô**

*« Eles querem colocar na frente o samba, mais o próprio samba, o samba de raiz não pertence a esse lugar... E uma brincadeira para turistas apesar do fato que os músicos que se produzem aqui são bons mesmo. Nós que trabalhamos temos que ir embora, eu posso ficar aqui por enquanto, mas a situação é difícil e devo contar com o apoio de Seu A. e da ASARS, se não forem eles, estou sem lugar. E difícil encontrar um lugar para botar a ponte, que tem muita fiscalização e muita competição ».*

Estes três exemplos, apesar de representarem uma pequena parcela da realidade dos atores que enfrentam as mudanças da rua, permitem observar as tendências atuais desse lugar, onde a gentrificação em processo, a produção cultural e a estetização do lugar, a semiotização do espaço como diria Raffestin (Raffestin, 1986, apud. Perrot 2005) e os interesses da economia cultural em rápido crescimento provocam a apropriação do lugar por atores políticos e culturais que produzem um mercado de concorrência, que entendem os determinantes simbólicos e os recursos econômicos da valorização cultural dos territórios, e que se organizam para construir e responder as demandas por consumo cultural. O processo de transformação, cujas relações conflituosas evoluem de maneira permanente apesar de serem controladas - ou apoiadas - por representantes das forças sociais mais influentes na escala local, parece ser desenvolvido definindo as suas próprias lógicas sociais, econômicas e urbanas específicas. Trata-se de um espaço-patrimônio incluído no patrimônio cultural representativo da cidade, produzido segundo processos socio-políticos que revelam as modalidades privilegiadas de fabricação do espaço carioca.

## **Conclusão**

Focalizando os atores do espaço da Rua do Lavradio, a natureza da sua relação com esta parte do espaço urbano e com a cidade em geral, e observando as relações e os papéis que se estruturam em torno da vida sócio-econômica da rua, a pesquisa cujos resultados preliminares são apresentados neste artigo pretende explorar o papel das iniciativas de produção de uma economia cultural na (re)estruturação do espaço. “Como as artes, integradas aos fenômenos sociais mais amplos, a festa, o lazer (Di Méo, 2001; Crozat & Fournier, 2005), as indústrias culturais e o turismo contribuem para produzir o espaço geográfico, inventar lugares e lhes atribuir um sentido” (Perrot, 2005). Como, nesse contexto, “economia e cultura se interpenetram na sociedade moderna e como esta relação faz a sua histórica e geográfica aparência concreta não só ao nível global da organização espacial” (A.J. Scott, 2000), mas também na escala local ou micro-local? No caso apresentado, não somente economia e cultura se interpenetram, mas são dependentes dos contextos políticos e da capacidade de investidores e de atores de se aproximarem entre si

e com o poder público. Na Rua do Lavradio, os responsáveis políticos mostram-se “impressionado(s) com a capacidade de organização do grupo de empresários da região: eles têm visão empresarial moderna e arrojada, aliando tradição e novidade, e não trabalhando apenas focando o seu negócio, mas preocupados com a preservação do patrimônio histórico e cultural” (Sebrae, 2005). Através do reconhecimento pelo poder público municipal da eficiência da organização dos empresários em torno da revitalização cultural da rua, estes atores culturais encontram-se legitimados e reforçados. Dentro do conflito pela definição do futuro da rua, a única solução para os que não controlam o processo é de mobilizar recursos junto aos órgãos do poder público em conflito e em competição entre eles. A competição que caracteriza as relações entre os órgãos do poder público se torna um recurso único para os atores que têm uma influência menor nos jogos sociais que organizam a transformação do lugar. Neste contexto, o processo de revitalização, apesar de ser desigual, encontra uma relativa e temporária regularização, marcada, como a situação política local, de instabilidade.

Em uma perspectiva global, considerando este exemplo e, especialmente, a aproximação entre as esferas cultural, econômica e política, parece importante refletir sobre as iniciativas de desenvolvimento local urbano que ocorrem em outros lugares do mundo, onde o reconhecimento da capacidade organizacional de vários atores – ou micro-empresas - e a sua influência nas transformações territoriais permitem criar um conjunto de outras soluções, através de empréstimos, particularmente de programas de formação e de crédito, isto permitindo a integração das categorias subalternas da população e, conseqüentemente, constituindo uma força de regulação. Portanto, entendemos que entre as condições para desenvolver este tipo de ferramenta estão a solidariedade - parcial e/ou conflituosa - e a capacidade/vontade de todos os atores de ir além do discurso pós-moderno que caracteriza a ação urbana contemporânea.

## Referencias bibliográficas

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori, “Uma estratégia fatal. A cultura nas novas gestões urbanas” in ARANTES O., VAINER, C., MARICATO, E., *A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos*. 3rd. Ed. Petrópolis, 2002.

BAUTES, Nicolas, 2005. « Modalidades de visibilidade e contradições da política de requalificação urbana de um espaço marginalizado : Estudo de caso do Morro da Providencia no Rio de Janeiro », in Symposium da União Geografica Internacional Marginalização, Globalização e seus Impactos Locais e Regionais, 19-23 de setembro de 2005, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – Brasil.

CROZAT, Dominique & FOURNIER, Sébastien, 2005. De la Fête aux loisirs: événement, marchandisation et invention des lieux. In: *Annales de géographie*, Année 114. No. 643. Mai-Juin 2005, 307-328.

DI MÉO, Guy, *Geographie Sociale et territoires*. Paris: Nathan, 2000.

HARVEY David, 2000. KONG, Lili. “Culture, economy, policy: Trends and developments”. In; *Geoforum* 31:385-390, 2000.

LUSTOSA, Isabel. “Um clássico sobre o Rio antigo” (resenha de O Rio de Janeiro do tempo dos vice-reis (1763-1808). Luís Edmundo, Senado Federal, Coleção Brasil 500 anos), in: *Jornal do Brasil/Idéias*, Rio de Janeiro, 26 maio 2001.

MAGALHÃES, Roberto Anderson M., “Preservação e requalificação do centro do Rio nas décadas de 1980 e 1990: A construção de um objetivo difuso”. In: *www.light.com.br*, 2002

in GOMES F. & PELEGRINO A.I, (2006). « Transformações no mundo do trabalho e políticas públicas: a questão do comércio ambulante em tempos de globalização», Rio de Janeiro : Ed. DP& A

MOREIRA, Clarisse da Costa. *Cidade contemporânea entre a tabula rasa e a preservação. Cenários para o porto do Rio de Janeiro*, Universidade de São Paulo, UNESP, Arquitetura e Urbanismo, 2005.

PERROT, Thomas. DEA de Géographie, Université Bordeaux 3, 2005.

PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas. Corredor Cultural: a reabilitação urbana em processo, arquiteto e urbanista, in: *South American Conference*, Rio de Janeiro, 2002.

POCHE, Bernard. L'espace fragmenté. Elements pour un analyse sociologique de la territorialité. Paris, L'Harmattan, 1996.

RABHA, Nina. Um Re-trato no Centro. O núcleo urbano como espaço de moradia, In : <http://www.light.com.br>, 2002.

RABHA, Nina. Cristalização e Resistência no Centro do Rio de Janeiro. In : *Revista Rio de Janeiro*. 1985, No1 (1), p.35-44.

RAFFESTIN, Claude. "Écogénèse territoriale et territorialité", in AURIAC, F. e BRUNET, R. (coords.), *Espaces, Jeux et Enjeux*, Paris, Fondation Diderot/Fayard, 1986.

RAUTENBERG, Michel, *La rupture patrimoniale*, Bernin, Ed. À la croisée, 2003.

SCOTT, Allen J., *The Cultural Economy of Cities: essays on the geography of Image-Producing industries*, London: Sage, 2000.

SEBRAE RJ, "Pólo Novo Rio Antigo será lançado no sábado, Dia Nacional da Cultura, Notícias 01/11/05, <http://www.sebraerj.com.br>.

SEGRE, Roberto, "Rio de Janeiro. Urban Symbols: Centrality, Power, and Community", in: *Constructing New Worlds. Proceedings of the 1998 ACSA International Conference*, Washington DC: Association of Collegiate Schools of Architecture, 1998, 6-10.

VAZ, Lilian Fessler; SILVEIRA, Carmen Beatriz. "A área central do Rio de Janeiro: percepções e intervenções – uma visão sintética no decorrer do século XX". In: *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 2/3, set/dez. 1994, 95-107.

VAZ, Lílían Fessler, *Os Centros das metrópoles – reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI* (apresentação Marco Antonio Ramos de Almeida). São Paulo: ed. Terceiro Nome, 1997.